

Em prol de uma Cosmologia da Esperança

Douglas Firmino dos Santos
PUC-Rio

Palmyra Baroni Nunes
SME-Rio/PUC-Rio

Resumo: Este texto almeja estimular modos de entender o mundo a partir de uma pluralidade de olhares; tendo em vista um panorama sociológico entregue ao pessimismo escorado em um desejo pelo fim do mundo como solução para as mazelas que nos atingem, acreditamos que urge uma necessidade de criar e nos atentarmos para realidades sociais que fomentam a esperança enquanto motor de mobilidade social. Consideramos que isso seja possível a partir de uma Cosmologia que se debruce sobre o estudo do mundo a partir das relações sociais e das múltiplas realidades criadas a partir delas dando vista à projeção de um mundo não-findável e, conseqüentemente, de diferentes modos de pensar o futuro a partir do aqui e agora. Realizamos esta reflexão tomando a Linguística Aplicada Contemporânea enquanto espaço de ensaio de esperança para, então, em diálogo com trabalhos já publicados e teorizações de filósofos como Ailton Krenak e Paulo Freire, esperar.

Palavras-chave: Mundo. Realidade social. Esperança. Linguística Aplicada. Cosmologia.

Abstract: This text aims to stimulate ways of understanding the world from a plurality of perspectives; considering a sociological panorama given over to pessimism supported by a desire for the end of the world as a solution to the problems that affect us, we believe that there is an urgent need to create and pay attention to social realities that encourage hope as a driver of social mobility. We consider this to be possible based on a cosmology that focuses on the study of the world based on social relations and the multiple realities created from them, giving rise to the projection of a never-ending world and, consequently, different ways of thinking the future from the here and now. We carry out this reflection by taking Contemporary Applied Linguistics as a space for testing hope and then, in dialogue with already published works and theorizations of philosophers such as Ailton Krenak and Paulo Freire, hope.

Keywords: World. Social reality. Hope. Applied Linguistics. Cosmology.

INTRODUÇÃO

*É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira mais simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre n-1.*¹

Em meio à enxurrada de desastres que têm assolado a contemporaneidade, como os rastros de destruição deixados pela Covid-19², os conflitos israelo-palestinos³ e as enchentes no Rio Grande do Sul⁴, por exemplo, tem sido cada vez mais comum debatermos sobre o fim do mundo. Costumeiramente, tomávamos o passado como referência para evitar tragédias pandêmicas, bélicas e ambientais e, assim, desenhar uma vida em sociedade mais preocupada com seu bem-estar; no entanto, parece termos nada aprendido com o passado. O enunciado “cessar-fogo”, por exemplo, é a prova cabal de que vivemos em um constante estado de calamidade pública séculos a fio, sendo um termo que em diferentes conflagrações tempo-espaciais estabiliza um mesmo significado: o anseio pela paz. Por mais quanto tempo vamos ter de clamar por cessar fogo? Esta pergunta dá margem a uma premissa pessimista de que o futuro da humanidade está fadado ao fracasso, sendo o amanhã o fim iminente de nosso mundo. Seria então possível criar um novo mundo a partir das ruínas de um mundo devastado? De acordo com Haraway (2016), sim, mas, antes, temos de aprender a viver em ruínas, reconhecendo as realidades sociais catastróficas que nos assolam para então habitarmos outras. Portanto, a esperança não deve cessar em meio ao caos.

¹ Deleuze; Guattari, 1995, p. 14.

² A pandemia de Covid-19 foi anunciada em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde em função da contaminação em massa pelo Coronavírus (HCoVs), que vitimou mais de 700 mil brasileiros. Cf.: “Histórico da pandemia de Covid-19.” Disponível em:

<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos..> Acesso em 27 jun. 2024; “Covid-19 no Brasil.” Disponível em:

https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em 27 jun. 2024.

³ A crise israelo-palestina, marcada por conflitos armados entre Israel e Palestina por divisão territorial, se estende há muitos anos, mas recebeu maior atenção do mundo em 2024. Tais holofotes promoveram em nosso país alinhamentos ideológicos que segmentam interesses entre direita e esquerda (enquanto a direita costuma se engajar a favor de Israel, a esquerda costuma se engajar a favor da Palestina indiciando disputas que apontam para a preservação de valores religiosos e humanistas, respectivamente).

⁴ Entre os meses de abril e maio de 2024, o Rio do Grande do Sul foi atingido pelo que ficou conhecido como a maior tragédia climática da história do Estado. Mais de 400 municípios ficaram em situação de alagamento em virtude de fortes chuvas. Até o momento, foram registradas mais de 178 mortes. Há uma estimativa de que aproximadamente 2,298 milhões de pessoas foram afetadas pela tragédia — dessas, em torno de 10.000 estão morando em abrigos e 388.000 desalojadas. Cf.: “A cronologia da tragédia do Rio Grande do Sul.” Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1qwpg3z77o#:~:text=Em%20pouco%20mais%20de%20uma,2%2C1%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas.>>. Acesso em 27 jun. 2024; “Mortes por chuvas no Rio Grande do Sul chegam a 178; 34 pessoas seguem desaparecidas.” Disponível em:

<https://www.infomoney.com.br/politica/mortes-por-chuvas-no-rio-grande-do-sul-chegam-a-178-34-pessoas-seguem-desaparecidas/>. Acesso em 27 jun. 2024.

Acreditamos que seja possível abrir brechas não só para o vislumbre de um futuro único e traiçoeiramente pré-determinado, como também de futuros plurais que profetizam o bem-estar social e uma harmonia entre humanos e natureza a partir do reconhecimento de realidades sociais ocultadas, ou reprimidas de existir pelo pessimismo que ronda a contemporaneidade. Enxergar estas realidades e estimular sua criação é um exercício analítico frequentemente realizado pela Linguística Aplicada Contemporânea, por ser uma disciplina engajada com o ensaio da esperança (Moita Lopes, 2006), que leva em consideração potencialidades presentes em “territórios subestimados e nas práticas sociais neles desenvolvidas” (Fabrício, 2006, p. 52), que lança um olhar esperançoso e crítico, voltado para a valorização da criatividade presente em construções diárias, sem o qual, de acordo com Freire (2013), nada pode ser transformado. Tendo isto em vista, pretendemos discorrer sobre possibilidades de projeção de futuros não-armagedônicos, corroborando para a construção de visões otimistas acerca do amanhã no hoje, apesar de essa ser uma demanda adormecida.

Na próxima seção, apresentamos um breve panorama que dá vista à paisagem sociológica pessimista dos tempos atuais para então adentrarmos em um diálogo com teorizações da Linguística Aplicada Contemporânea e algumas reflexões propostas pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari e o filósofo brasileiro Ailton Krenak para gerar um debate sobre as possibilidades de criar e dar vista a campos de significação que promovem um olhar mais positivo para o mundo, ou, em outras palavras, ancoradas na filosofia freiriana (2013), um olhar-ação que nos permite esperar.

QUE MUNDO É ESSE TÃO CRUEL QUE A GENTE VIVE?

Há um certo pessimismo que tem tomado conta de parte da população brasileira em virtude de acontecimentos recentes — os conflitos bélicos entre Israel e Palestina, a pandemia de Covid-19 e as enchentes e alagamentos no Rio Grande do Sul, que afetou mais de 90% das cidades gaúchas, registrando a maior inundação da história do Estado, por exemplo, geraram e geram sentimentos de desesperança em relação ao futuro. Os óbitos e a instabilidade do mercado promovida por tais eventos resultaram em um elevado número de lutos, desempregos e alta nos preços de bens de consumo básicos para a sobrevivência, o que tornou a vida de difícil gerenciamento em um momento de muita instabilidade financeira, física e emocional. Além disso, temos acompanhado a ascensão de grupos neofascistas, que têm se organizado nos

subterfúgios de redes sociais como o Discord⁵ mecanizando ataques terroristas que colocaram escolas em um constante estado de alerta. Esses fatores têm colaborado para o desenho de uma paisagem sociológica apocalíptica em que o fim dos tempos se coloca como algo próximo e, até mesmo, desejado. A frase “A cada dia que passa o apocalipse deixa de ser um medo e se torna uma esperança” tem sido constantemente mobilizada em forma de meme em postagens de redes sociais, como pode ser visto na imagem abaixo, uma resposta a casos contextualizados enquanto absurdos em um mundo frequentemente catalogado como desenvolvido.



Imagem 1. Fonte: X (Twitter).

A imagem⁶ acima, oriunda de uma postagem feita na rede social X (antigo Twitter), avalia negativamente o print de uma mensagem de WhatsApp em que o enunciador diz cobrar uma quantia de R\$500,00 reais para realizar resgates. Tendo em vista o estado de calamidade pública em que o Rio Grande do Sul se encontra, essa postagem pode ser entendida enquanto

⁵ Cf.: "O que é o 'desafio do Discord' que estaria por trás de ataques a escolas." Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/brasil/2023/4/12/que-desafio-do-discord-que-estaria-por-tras-de-ataques-escolas-134212.html>>. Acesso em 27 jun. 2024.

⁶ Cf.: “A cada dia que passa o apocalipse deixa de ser um medo e se torna uma esperança”. Disponível em: <<https://x.com/nath7oli/status/1786824327003840587>>. Acesso em 27 jun. 2024.

uma forma de lucrar em cima de uma tragédia. A ganância que chega à frente da empatia em meio a um momento de precariedade inflama um desejo pelo fim do mundo, pois, tomando a significação estabelecida pela postagem juntamente aos dizeres "A cada dia que passa o apocalipse deixa de ser um medo e se torna uma esperança", é como se nada mais pudesse ser feito para salvar o mundo — a esperança estaria, então, morta. O fim, mais próximo e vivo do que nunca.

Ainda que se trate de um conteúdo de viés satírico, a postagem representa a organização de um *ethos* que tem se espalhado por nossa sociedade de modo geral, sedimentando uma espécie de conformidade com a injustiça social, o sofrimento e desastres climáticos. A dificuldade, ou recusa em lidar com problemas de ordem macroestrutural que desafiam as formas de existir em sociedade, por conta de uma certa banalização do horror, tem mobilizado discursos que lançam protagonismo a realidades sociais em ruínas como se elas fossem as únicas possíveis e que propagam, por consequência, a ideia de que nada pode ser feito, escamoteando o vislumbre de discursos que dão vista a realidades mais otimistas em relação ao futuro. Ou seja, ao darmos ênfase às tragédias que compõem o cenário social atual esquecendo do poder da solidariedade subsistir em meio ao caos, obliteramos as chances de se pensar um mundo que enseja um futuro melhor. A Linguística Aplicada Contemporânea costuma ser uma disciplina politicamente engajada em observar o caos para projetar diferentes modos de produzir sentido sobre ele.

LINGUÍSTICA APLICADA CONTEMPORÂNEA E ENSAIOS DE ESPERANÇA

Atualmente, parece que vivemos uma espécie de homogeneização de realidades sociais que fazem o mundo ser compreendido enquanto uma unidade única e indivisível. A lógica do rizoma de Deleuze e Guattari (1995) contrapõe essa insistência de homogeneização ao estabelecer a fórmula n-1.

A fórmula lógica do rizoma se baseia na subtração da unidade da multiplicidade: a multiplicidade rejeita um elemento unificador, porque não há estrutura capaz de lidar com a multiplicidade a partir do uni. Assim, a unidade deve ser sempre subtraída, pois ela não é capaz de representar o todo. Esse pensamento é extremamente útil para lidar com teorizações acerca do fim do mundo.

Em um dos vídeos da série *Conversa na rede* (2023), o filósofo Ailton Krenak, acompanhado de Eduardo Viveiros de Castro, nome expoente da Antropologia brasileira, debate sobre um sentimento aparentemente comum a todo ser humano nos dias atuais: o de que

o tempo está passando rápido. Tal sentimento é acompanhado de outro: o de que o tempo para salvar o mundo está cada vez mais escasso. Então, Krenak pontua que diferentemente de brancos, indígenas são especialistas em inventar mundos — não há uma escassez de tempo que urde uma emergência para que algo seja feito, pois coisas já estão sendo feitas. Tomando o pensamento de Krenak, enquanto uma raça se acomoda com a previsibilidade de um fim de mundo por não ser capaz de construir um novo, o fim, para outra, seria algo inconcebível, pois ela não pensa a relação indivíduo-mundo de modo linear, mas, sim, espiralar — várias realidades coexistem simultaneamente. Portanto, imaginar o fim do mundo é algo inimaginável para certos grupos indígenas, pois sempre há outros mundos para se habitar, uma vez que estão em processo constante de criação. O uni é suprimido de modo intermitente, pois a vida é experienciada de modo rizomático.

Podemos dizer que o descontentamento com o mundo e o anseio pelo seu fim é uma limitação imposta por um quadro de inteligibilidade do real que homogeneiza o mundo, refletindo, por consequência, uma conformidade com a miséria e o caos, o que tem nos deixado em estado de inércia. Mas, nos colocando em movimento produzindo e colocando em circulação novas formas de pensar o mundo, é possível reconhecer a existências de realidades sociais criadas em diferentes contextos para então dar cabo de uma Cosmologia que recusa a unidade e abraça o múltiplo para, assim, profetizar o bem estar-social. Em *Linguística Aplicada Contemporânea*, é muito comum realizarmos ensaios de esperança desse tipo — o trabalho de Fabrício e Melo (2020), por exemplo, explora modos de tratar a Covid-19 adotados pela favela da Maré, uma vez que a comunicação oficial do governo não assegurava, de acordo com as autoras, a devida atenção à saúde em áreas carentes da cidade, evidenciando como relações de cuidado emergem em meio a preocupações díspares do governo a diferentes grupos sociais.

Outros trabalhos em *Linguística Aplicada Contemporânea* têm se debruçado sobre a vida em sociedade para não só produzir conhecimento, mas estimular condições de (re)significações do mundo. Além do trabalho acima mencionado, pode-se citar o trabalho publicado por Fabrício e Borba (2024) acerca de interpretações sobre intervenções artísticas feitas em escombros de demolições no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, que lançam luz a modos de construir o novo a partir do destruído “[provocando reflexões] sobre o extermínio da população negra, a desigualdade social e as forças agentivas em regiões marginalizadas da cidade” (p. 20); Melo e Moita Lopes (2022) questionam o que se costuma entender por elogio, como “você é uma morena muito bonita”, que difunde estereótipos e violências acerca do corpo racializado, estimulando uma conscientização acerca de certos

termos e enunciados que atualizam na banalidade do cotidiano práticas racistas que apagam a materialidade negra por meio de conjecturas que embranquecem identidades; Oliveira (2019) a partir da história de Dandara, moradora do Complexo do Alemão desabrigada por conta de chuvas que atingiram a favela em meados de 2010, versa sobre estratégias de sobrevivência adotadas por Dandara na Secretaria de Estado e Assistência Social do Rio de Janeiro durante reuniões do PAC⁷ Favelas, que tomam a ação pragmática como forma de equilibrar a assimetria entre indivíduo e arena pública — nesse sentido, por meio de uma caracterização estratégica de suas condições precárias de vida, Dandara articula modos de barganhar soluções para sua situação de desabrigo, como também legitimar o valor de seu sofrimento. Estes são apenas alguns de inúmeros outros trabalhos produzidos e em desenvolvimento.

Esses tipos de entendimentos que fissuram o imaginário social se contrapondo a padrões hegemônicos de inteligibilidade do real são estimulados pelo campo da Linguística Aplicada Contemporânea, que é consciente de que o fazer científico é um fazer político — os recortes temáticos das pesquisas desenvolvidas em Linguística Aplicada Contemporânea costumeiramente chamam atenção para demandas urgentes e, muitas vezes, invisibilizadas por discursos tirânicos, (re)narrando a vida social, como sugerido por Moita Lopes (2006) em *Linguística Aplicada e vida contemporânea — problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa*. Para o autor, contar as histórias em circulação a partir de outros pontos focais de entendimento e de produção de significados permite uma polifonia que atribui diferentes contornos a um mundo aparentemente monolítico. De tal modo, (re)organiza-se os sentidos em circulação de modo um pouco mais plural, promovendo embates que suprimem a monopolização de interpretações únicas que, de acordo com Chimamanda Adichie (2018), cria estereótipos. O estereótipo que aqui sugerimos enfrentarmos é o de que o mundo está acabando, de que não há mais o que ser feito em relação aos efeitos devastadores das ações humanas a seus semelhantes e ao planeta. Krenak (2023) nos faz pensar que estamos errados quanto a isso. A fórmula do rizoma (Deleuze; Guattari, 1995) se faz então extremamente aplicável. Temos que dar atenção ao múltiplo.

Acreditamos que há tempo vigente para não só entendermos o momento em que vivemos como para reorganizar as estruturas que sedimentam concepções egoístas de mundo que fecham os olhos para o sofrimento do outro. Ainda que não possamos projetar soluções

⁷ De acordo com relatório divulgado pelo Ministério das Cidades, o PAC, Programa de Aceleração do Crescimento, consiste na “urbanização de assentamentos precários” que visa “uma nova perspectiva de políticas públicas de urbanização dos assentamentos precários, reforçando o reconhecimento do direito à cidade e à moradia digna, especialmente da população de baixa renda” (Brasil, 2010, p. 8).

para as indiferenças, gerar reflexões sobre elas nos alinham a um tipo de poder que possibilita essa transformação. Em *Linguística Aplicada Contemporânea* considera-se não ser possível gerar soluções para os problemas do mundo; isto é extremamente complexo, algo que um trabalho científico sozinho não dá conta de realizar, caso contrário, viveríamos em utopias. Nosso propósito enquanto linguistas aplicados, de acordo com Kanavillil Rajagopalan, é "pensar a linguagem no âmbito da vida cotidiana que nós estamos levando" (Silva; Santos; Justina, 2011, p. 2), ou seja, tomar as situações sociais como lócus de observação de construção do mundo. Assim, a partir de certas práticas e seus contextos, tecemos teorizações acerca do que sentimos e vivemos para reconhecer as unidades que compõem a multiplicidade das coisas.

Consideramos, pois, que não é a partir de teorizações científicas que se transforma o mundo, mas a partir da observação de como indivíduos no cotidiano constituem significados sobre o mundo, multiplicando-o em muitos, para, a partir da prática, de fato, mudar algo. Não é um artigo, ou um livro, mas os modos de nos relacionarmos com o conhecimento na práxis que conduz à tão especulada transformação que aqui tanto falamos. De tal modo, alinhamos realidades a uma mesma convergência: a postulação de futuros que interferem no hoje estimulando uma reestruturação discursiva que alimenta a esperança enquanto recurso de transformação social possível. Repensar a realidade a partir das potencialidades de cada indivíduo é um ato transgressivo. Segundo Pennycook (2006), ser transgressivo é se referir "à necessidade crucial de ter instrumentos tanto políticos como epistemológicos para transgredir as fronteiras do pensamento e da política tradicionais" (p. 83), é propor o rompimento com o pensamento pessimista que condena o mundo ao seu fim.

ESPERANÇA E AÇÃO, OU ESPERANÇA É AÇÃO

As histórias anônimas que atravessam o dia a dia estão cheias de fazeres e de saberes que são extraordinários, ainda que haja uma forte campanha para abafar e deslegitimar as belezas, as pequenas epifanias presentes no dia a dia, em prol de salientar as agruras e o sofrimento. Como tentamos chamar atenção ao longo do texto, em um cenário de homogeneização de tragédias, em que o futuro é reduzido a ruínas, as forças anônimas que movem e sustentam a vida diária são invisibilizadas e descartadas. Assim, somos ensinados a olhar a vida com desprezo, com pessimismo e desesperança. Portanto, propomos um exercício de insurgência, isto é, ao invés de aceitarmos como imutável a ideia de que não há nada de bom no que vivemos cotidianamente e que estamos fadados ao fracasso, que passemos a perceber as

potencialidades presentes em nossas construções diárias e, dessa forma, vislumbrarmos uma vida melhor no futuro. Percorremos esse caminho pautando uma disciplina, a Linguística Aplicada Contemporânea, um espaço de ensaiar a esperança por ser contrária às padronizações, às verdades incontestáveis, às generalizações, às conclusões conclusivas e a favor da valorização do que acontece na vida social e com seus participantes.

Acreditamos que a esperança está nas práticas comuns. Dar foco ao cotidiano é transgredir, é subverter a ordem, é deixar transparecer o processo de construção do conhecimento para que possamos ter a capacidade de nos maravilhar (Certeau, 1994) com as epifanias do dia a dia, o que nos encanta e nos desencanta, por meio de um olhar não contaminado, apesar de sermos frequentemente contaminados pelo pessimismo, estimulado por telejornais, pela superficialidade das redes sociais e pelas efêmeras interações que temos realizado em virtude de um contexto bélico, pós-pandêmico e altamente atravessado por desastres climáticos e ambientais — com isso, o amanhã tem sido paulatinamente pautado como algo incerto, o que é resultado de um entendimento singular do mundo.

Da nossa percepção, devemos desmistificar a ideia de que vivemos uma realidade social uni — vivemos em um mundo plural, carregado de múltiplas realidades que, talvez, nem possam ser contatadas, mas que nos permitem pensar o desabrochar de um novo mundo, um mundo menos afetado pelas tragédias e mais afetado pela solidariedade. Acidentes, desastres, sempre vão ocorrer, não há como prever certas catástrofes. A dor e o sofrimento existiram, existem e sempre vão existir. Como diz Derrida (2009), não é possível um mundo não-violento, pois sempre está sendo realizado algum tipo de violência, ainda que de pequena escala; no entanto, é importante minimizarmos cada vez mais as violências a ponto de serem apenas incômodos facilmente tratáveis.

E se vivêssemos outras realidades? Se nos permitíssemos não só descobrir as criações de realidades para nós inéditas, mas gerar nossas próprias? Seria viável, uma vez que esse mundo parece não nos servir mais, darmos lugar a realidade que já existem, mas estão ou foram escondidos? Diante de um cenário-presente de crise, se faz mais que necessário descortinarmos e disseminarmos práticas sociais diárias libertadoras, para que possamos usufruir um cenário-futuro de esperança na vida.

Portanto, não, o mundo não está acabando. A que devemos pôr fim é à realidade social da qual parecemos estar presos — este é um objeto do qual não nos há serventia, uma vez que é monolítico e indiferente. O que dele se deve tirar são aprendizados constantemente ignorados

por discursos hegemônicos. Devemos, da vida, habitar realidades abafadas pelas vozes do neoliberalismo, que ecoam mais alto uma percepção única de realidade.

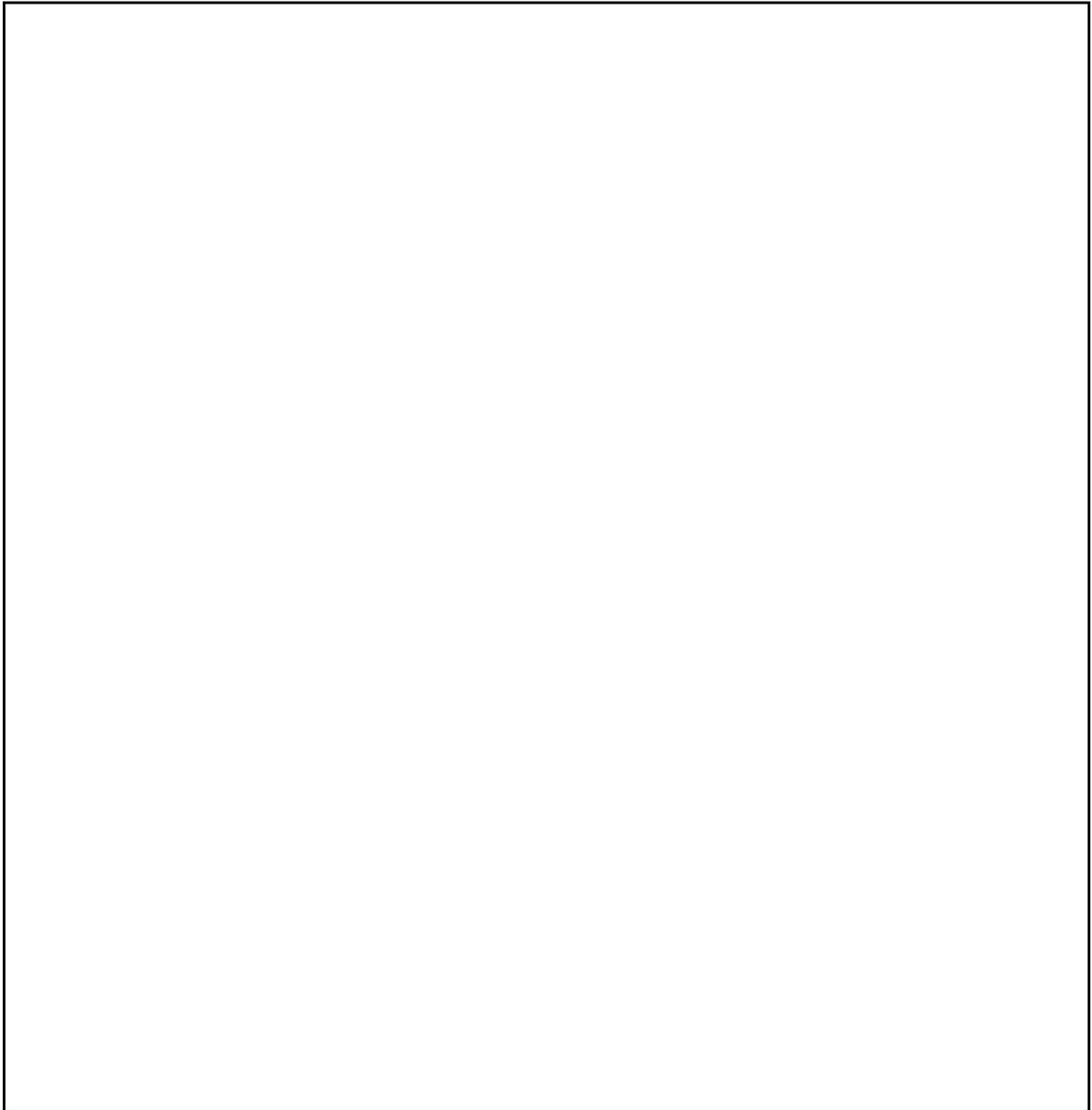
É importante pontuar que devemos construir e dar lugar a um mundo que anseia um futuro melhor para todos, sem exceções. Em que as diferenças deem lugar a igualdades. Mas seria isso possível? Porque quando falamos *todos*, a quem nos referimos de fato? Por vezes, esse *todos*, pode ser de alguma forma excludente, criando eixos de diferenciação que segmentam um *todos* e um *outros*. O que fazemos com esses *outros*? Submetemos às mesmas práticas de persuasão e opressão das quais criticamos? Precisamos desenvolver essa problematização.

Então, que realidades seriam esses de que tanto falamos, mas não nomeamos? Acreditamos que ainda sabemos pouco sobre elas, por isso é difícil atribuir nomes. Talvez, abandonando a pequenez de nossos círculos sociais, nos permitindo interagir com outros grupos, podemos passar a conhecer e dar nomes a essas realidades dispersas e tão necessárias. Por isso, convidamos você a desenhar o seu-nosso mundo, iniciando um processo de desaprendizagem que seja capaz de nos libertar das amarguras que a falta de fé e esperança no futuro causam e, assim, somarmos virtudes para compor um novo universo a partir de uma Cosmologia da Esperança.

A Cosmologia é uma ciência que estuda a origem, a estrutura e a evolução do universo. É isto que sugerimos fazer, mas em uma escala social: estudar a origem, a estrutura e a evolução de nosso mundo, a fim de entender de onde viemos, como estamos e assim postular onde queremos chegar. Temos que aprender com nossos erros, desafetos e inseguranças — estudar o mundo é estudar a nós mesmos, pois somos nós quem damos forma a ele. Então, estudar o universo é estudar a humanidade, as relações que estabelecemos uns com os outros e com o meio em que vivemos. Para além da Matemática e da Física, há componentes sociais, antropológicos e filosóficos que arranjam fórmulas e equações. Não tem como continuarmos a usar as mesmas fórmulas para obtermos resultados diferentes — temos de criar e estabelecer outras formas de gerar resultados, pois os que nos aparecem agora são insuficientes ou pouco otimistas.

Uma Cosmologia da Esperança seria um tipo de ciência engajada com o desenvolvimento de práticas que dão vista e forma a novas realidades, realidades essas que podem vir a nos permitir esperar — a conjugação desse verbo nunca se mostrou tão necessária quanto agora. De acordo com Paulo Freire (2013), “não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã” (p. 15). A

esperança, portanto, não se resume à espera de que as coisas serão diferentes por si só — a esperança deve estar ligada à prática, que deve partir de nós, caso contrário, nada é subvertido. A esperança de que tanto falamos tangencia um anseio por dias melhores, mas um anseio que é guiado pela elocubração de ações e suas respectivas práticas para que seja possível vislumbrar tais dias no horizonte. O amanhã não pode mais esperar. Nem nós. Esperancemos.



Espaço destinado para a projeção de seu-nosso mundo. O *seu-nosso*, aqui, é uma folha em branco, que representa a recepção de um mundo mais diversificado em termos de esperançar.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SANTOS, Douglas Firmino dos; NUNES, Palmyra Baroni. Em prol de uma Cosmologia da Esperança. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.33, jul. 2024.

BRASIL. **A experiência do PAC**. Brasília: Ministério das Cidades, Secretaria Nacional de Habitação Urbanização de Favelas, 2010.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DERRIDA, J. **Violência e metafísica: ensaio sobre o pensamento de Emmanuel Lévinas**. In: A escritura e a diferença. Trad. de Maria Beatriz Marque Nizza da Silva. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”. Redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FABRÍCIO, B. F.; MELO, G. C. V. “Nós por nós”: enregistramento e desescalação do Coronavírus sob condições nervosas. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, 59 (3): 1884-1915, set./dez. 2020.

FABRÍCIO, B. F.; BORBA, R. Errâncias indisciplinadas: entre rastros, ruínas e reconstruções. In: **Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar**. Fabrício, B. F.; Borba, R. (Orgs.). Campinas: Editora Unicamp, 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HARAWAY, D. J. **Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016.

KRENAK, A. CONVERSA NA REDE - Partículas particulares - Ailton Krenak e Eduardo Viveiros de Castro. In: **Youtube**. 16 ago. 2023. 45:46. Disponível em: <<https://youtu.be/wp5NlnNE4BI?si=pUJjGu5aY5aGtfNQ>>. Acesso em 29 mai. 2024.

MELO, G. C. V.; MOITA LOPES, L. P. "Você é uma morena muito bonita": a trajetória textual de um elogio que fere. In: **Estudos queer em Linguística Aplicada Indisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe**. MOITA LOPES, L. P.; GONZALEZ, C. R.; MELO, G. C. V.; GUIMARÃES, T. F. (Orgs.). 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea — problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: In: MOITA LOPES, L.P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial. 2006.

SILVA, K. A.; SANTOS, L. I. S.; JUSTINA, O. D. Entrevista com Kanavillil Rajagopalan: ponderações sobre linguística aplicada, política linguística e ensino- aprendizagem. In: **Norte@mentos**. Ed. 08. 2011. Disponível em: <http://projetos.unemat-net.br/revistas_eletronicas/index.php/norteamentos>. Acesso em 29 mai. 2024.

OS AUTORES

Douglas Firmino dos Santos: Doutorando e mestre pelo Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio com bolsa pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). É graduado em Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas) pela PUC-Rio. É membro do grupo de pesquisa Narrativa e Interação Social (NAVIS) da PUC-Rio, coordenado pelas professoras Liliana Cabral Bastos e Liana de Andrade Biar. Tem interesse de pesquisa na área dos estudos discursivos em interface com a Análise de Narrativa e a Antropologia Linguística.

E-mail: douglasfirmino.santos@gmail.com

Palmyra Baroni Nunes: Graduada em Letras (Inglês/Literaturas) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e especialista em Língua Inglesa e em Literatura Infantil e Juvenil pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Atualmente, cursa o terceiro ano de doutorado em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e atua em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro, onde leciona inglês para crianças do primeiro ao sexto ano do Ensino Fundamental e para alunos do PEJA (Programa de Educação para Jovens). É membra do grupo de pesquisa da Prática Exploratória do Rio de Janeiro (PPGEL/PUC-Rio) e do grupo de pesquisa em Análise Sistêmico-Funcional e Avaliação do Discurso, o ASFAD (PPGEL/PUC-Rio).

E-mail: palmyra.baroni@yahoo.com.br